

A SUBJETIVAÇÃO IDENTITÁRIA DO CRENTE ASSEMBLEIANO: UM OLHAR GENEALÓGICO

Recebido em: 06/03/2024

Aceito em: 11/06/2024

DOI: 10.25110/akropolis.v31i2.2023-020



Fabrcio Filisbino ¹

RESUMO: A relação entre verdade, identidade, subjetividade e vivência de uma fé religiosa constitui o mote desta pesquisa, cujo objetivo é compreender a construção da identidade no pentecostalismo da Assembleia de Deus a partir da genealogia de Michel Foucault. A pesquisa de campo se deu por meio de questionário e entrevistas. Para Foucault o sujeito é efeito de relações de saber, de poder e de tecnologias políticas. As identidades modernas resultam de uma ética da obediência a padrões ou modelos, adaptadas às instituições. As igrejas da Assembleia de Deus, para governarem a conduta de seus fiéis, utilizam técnicas de subjetividade, tais quais as pesquisadas por Foucault em sua genealogia. A pesquisa verificou três categorias destas técnicas atuantes na Assembleia de Deus: messianismo; obediência; sexualidade e pecado. Mediante estas se dá governo da conduta dos fiéis.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Subjetividade; Pentecostalismo.

THE IDENTITY SUBJECTIFICATION OF THE ASSEMBLIES OF GOD BELIEVER: A GENEALOGICAL PERSPECTIVE

ABSTRACT: The relationship between truth, identity, subjectivity and the experience of a religious faith constitutes the motto of this research, whose objective is to understand the construction of identity in the Pentecostalism of the Assembly of God based on Michel Foucault's genealogy. Field research was carried out through questionnaires and interviews. For Foucault, the subject is the effect of relations of knowledge, power and political technologies. Modern identities result from an ethics of conformity to standards or models, adapted to institutions. The churches of the Assembly of God, to govern the conduct of their faithful, use subjectivity techniques, such as those researched by Foucault in his genealogy. The research brings three categories of these techniques active in the Assembly of God: messianism; approval; sexuality and sin. Through these, the conduct of conviction is governed.

KEYWORDS: Identity; Subjectivity; Pentecostalism.

LA SUBJETIVACIÓN IDENTITARIA DEL CREYENTE ASAMBLEÍSTA: UNA PERSPECTIVA GENEALÓGICA

RESUMEN: La relación entre verdad, identidad, subjetividad y experiencia de una fe religiosa constituye el lema de esta investigación, cuyo objetivo es comprender la construcción de la identidad en el pentecostalismo de la Asamblea de Dios a partir de la genealogía de Michel Foucault. La investigación de campo se realizó a través de cuestionarios y entrevistas. Para Foucault, el sujeto es el efecto de las relaciones de

¹ Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. E-mail: fabriciofili@gmail.com

conocimiento, poder y tecnologías políticas. Las identidades modernas resultan de una ética de conformidad con estándares o modelos, adaptados a las instituciones. Las iglesias de la Asamblea de Dios, para regir la conducta de sus fieles, utilizan técnicas de subjetividad, como las investigadas por Foucault en su genealogía. La investigación trae tres categorías de estas técnicas activas en la Asamblea de Dios: mesianismo; aprobación; sexualidad y pecado. A través de éstos se rige la conducta de condena.

PALABRAS CLAVE: Identidad; Subjetividad; Pentecostalismo.

1. INTRODUÇÃO

A genealogia de Michel Foucault mostra que a constituição do sujeito moderno implica complexas tecnologias de subjetividade, por meio das quais se constroem as identidades vivenciadas no interior das instituições. O pentecostalismo da Assembleia de Deus (AD) atua com complexas estratégias na constituição da subjetividade e da identidade de seus fiéis.

Caracterizar o processo de constituição identitária é um desafio complexo, uma vez que as sociedades atuais são compostas por formas plurais de tecnologias políticas, de finalidades e de identidades. Sabe-se que a igreja, para boa parte das pessoas, é uma referência em seu autoconhecimento. No Brasil atual o pentecostalismo, especialmente das Assembleias de Deus, se destaca pela amplitude e eficácia de sua atuação sobre a conduta de seus fiéis. O processo de conversão ao Movimento Pentecostal está associado a uma virada dramática na trajetória individual. A instituição passa a dirigir seus fiéis, mostrando a eles o modo como se deve pensar e agir no mundo. Fica, então, a pergunta: como o pentecostalismo da Assembleia de Deus atua na construção da identidade dos seus fiéis?

A genealogia de Foucault apresenta uma perspectiva metodológica para abordar esta problemática. Ela possibilita pesquisar a constituição dos sujeitos e de suas identidades, pela análise das tecnologias do saber-poder. A genealogia possibilita analisar criticamente as identidades modernas, discutindo possibilidades de problematizar os dogmatismos e imposições no terreno da ética. Partindo dessas noções, o objetivo desta pesquisa consiste em compreender a construção da identidade no pentecostalismo da Assembleia de Deus, a partir do conceito de subjetividade no pensamento de Michel Foucault.

A pesquisa, fruto de uma monografia em filosofia pela Faculdade São Luiz-Brusque (2015), se desenvolveu em quatro momentos. Primeiro, identificar as tecnologias de subjetividade em Foucault. Segundo, evidenciar a crítica de Foucault às identidades

contemporâneas. Terceiro, gerar os dados campo, pela aplicação de questionários e por meio de entrevistas com lideranças da igreja pentecostal. Por fim, discutir as técnicas de subjetividade e construção da identidade no pentecostalismo da Assembleia de Deus. Nesta etapa os dados bibliográficos foram aplicados aos dados de campo para se compreender o processo efetivo de constituição das identidades no interior do Movimento Pentecostal das Assembleias de Deus (ADs).

A pesquisa de campo foi realizada no 33º Congresso Internacional de Missões dos Gideões Missionários da Última Hora, promovido pela AD de Camboriú, em Santa Catarina, que aconteceu de 25 de abril a 4 de maio de 2015. Foi aplicado um questionário a 27 pessoas, visando obter um panorama geral da vivência e do modo de ser dos membros das ADs. Merece destaque no Congresso dos Gideões a participação do pastor presidente das ADs do Rio de Janeiro e um conferencista oficial do congresso, residente em Curitiba. Também foram feitas observações no templo sede em Criciúma-SC, nos cultos, durante duas semanas, dos dias 12 à 25 de julho de 2015, com vistas a maior familiaridade com as rotinas da AD.

As entrevistas foram feitas com dois pastores da AD em Criciúma, no templo sede. Também foram entrevistados dois estudiosos do pentecostalismo. A organização dos dados se deu a partir do método de *Análise de Conteúdo*.

O Movimento Pentecostal é uma das manifestações religiosas que mais cresce no Ocidente, abrangendo também populações do Oriente. No meio evangélico brasileiro já somam 60%, possuindo um crescimento contínuo. Sua maior manifestação brasileira, as Igrejas Assembleias de Deus, tomam sobre si a responsabilidade de conduzir cerca de doze milhões de pessoas. Diante das proporções que o pentecostalismo tem assumido e a perspicácia do pensamento de Foucault, que abre portas para se compreender os acontecimentos a partir de sua dimensão histórica, buscamos estudar o modo como o pentecostalismo das Assembleias de Deus atua na construção da identidade dos seus fiéis. Espera-se, com a pesquisa, contribuir com as discussões que se desenvolvem no campo da religiosidade no Brasil, bem como suas interferências no campo da educação, seja no cotidiano escolar, seja no planejamento e legislação da educação nos espaços oficiais, como Congresso Nacional, Câmaras Estaduais e Municipais.

2. AS TECNOLOGIAS DE SUBJETIVIDADE

Michel Foucault é um pensador que se diferencia das ideias já assentadas como absolutas pela sociedade. Seu intuito é desconstruir as normalidades com as quais nos acostumamos para diagnosticar a situação da sociedade. Foucault pensa a história dos jogos de verdade como produtora da forma particular de se ver as interpretações que construíram o indivíduo enquanto sujeito. Seu objetivo é abrir caminho para que se possa pensar a própria história, a fim de reorientar o pensamento de conceitos caros à filosofia (ARAÚJO, 2008).

A genealogia em Foucault é de inspiração nietzschiana, como uma recusa em olhar a história como tendo uma origem e um fim supremos ou independentes dos homens (ARAÚJO, 2008, p. 100). A genealogia investe na reativação dos saberes locais contra a hierarquização científica dos saberes (FOUCAULT, 2013b, p. 270). A análise das práticas discursivas e não discursivas, ligadas às instituições, visa compreender a relação entre tais práticas e a constituição do homem.

As práticas institucionais são analisadas por Foucault enquanto relações de poder (KRAEMER, 2011). Assim, pensar o sujeito em Foucault significa pensá-lo como efeito das relações de poder. Isso requer ressaltar o que ele concebe como poder na trama histórica do século XVII até os dias atuais (KRAEMER, 2011).

O autor afirma que o poder não deve ser analisado em termos de uma teoria geral, porque não é uma realidade que possui natureza própria. Não se trata de uma coisa unitária e global chamada poder. O que está em jogo são forças heterogêneas que estão em contínua mudança (MACHADO, 1981 *apud* FOUCAULT, 2013). Ele refuta a ideia repressiva do poder, tão difundida na sociedade, tanto no viés psicanalítico quanto movimentos sociais de inspiração marxista. A genealogia analisa o poder a partir de seus efeitos sobre a subjetividade, na constituição do sujeito. Com isso mostra o poder em sua face produtiva, em dispositivos como a disciplina e a sexualidade (FOUCAULT, 2014), produzindo corpos aptos para a economia e a política.

Foucault reconhece que há uma tradição que vê o poder apenas como interdição, repressão e forma de constrangimento (DREYFUS; RABINOW, 2013). Com esse discurso o poder apenas mascara uma parte importante de si mesmo para se tornar tolerável (FOUCAULT, 2014). Neste disfarce ele aparenta ser oposto a si mesmo. Mas isso é parte de um desdobramento do próprio poder: "Antes de tornar o sexo como objeto

central, o poder de fato, atuou através da proibição e da repressão" (DREYFUS; RABINOW, 2013, p. 172).

Foucault pensa o poder como uma rede de relações produtivas, com saberes, discursos e práticas. Nele se produzem e fazem circular verdades. Ele substitui a visão repressiva de poder, um poder que sufocaria, pela noção de poder como presença produtiva, permeando todas as relações. O poder está disperso em toda a trama social, funcionando de baixo para cima e lateralmente. Ele funciona por meio de dispositivos e estratégias que relacionam e dispõem forças. A sexualidade, por exemplo, não é objeto de repressão, mas é aquilo que o poder emprega para agir sobre o indivíduo, conduzindo-o em sua verdade, na constituição de sua subjetividade (ARAÚJO, 2008).

Na época clássica ocorre um forte interesse pelo corpo enquanto objeto e alvo do poder. O corpo passa a ser visto como algo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil, tendo em vista a multiplicação das forças (FOUCAULT, 2014). Nesta época o poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de apenas se apropriar e de retirar, tem como função maior, adestrar, apropriando-se mais e melhor dos indivíduos. Um poder que não amarra para reduzir as forças no corpo, ao contrário, procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. Em vez de encaixar todos em uma uniformidade, uma massa humana, prefere que tudo o que lhe está submetido seja separado, analisado, diferenciado, levando seus processos de decomposição até às singularidades necessárias e suficientes. Desse modo, se adentra as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais, pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios, "O sucesso do poder disciplinar se deve, sem dúvida, ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame" (FOUCAULT, 2014, p. 143). Junto à disciplina, no século XVII, o biopoder aparece como política coerente, atuando na constituição do indivíduo moderno normatizado.

Deveríamos falar de biopolítica para designar o que faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana [...] O homem moderno é um animal em cuja política sua vida, como ser vivo, está em questão (FOUCAULT, 2014, p. 154).

O princípio desta nova racionalidade é o próprio Estado, enquanto gestão política da vida das populações, que passam a ser vistas como aquilo que o Estado cuida para seu próprio proveito (FOUCAULT, 2006b). Por isso, protege a vida e libera a morte.

Pela análise histórica das relações de poder se identificam as estratégias de sujeição do indivíduo às tecnologias biopolíticas. No que tange ao termo sujeito designa-se duas conotações: sujeito a alguém pelo controle e dependência; e sujeito preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento (FOUCAULT *apud* DREYFUS; RABINOW, 2013c), não sendo ele um dado definitivo na história, mas algo que se constitui no interior dela (FONSECA, 2011, p. 104).

Foucault trabalha a sujeição em três eixos. O primeiro trata da objetivação do sujeito nas práticas discursivas. Nos enunciados discursivos, a posição do sujeito está vazia, podendo ser preenchida por quem corresponder a algumas condições, tais como as normas institucionais ou jurídicas, ou ser capacitado pelo status ou função que ocupa (FOUCAULT, 2013c).

No segundo eixo analisa o homem feito objeto pelo saber e o poder. Para tanto, Foucault (2013c) demonstra que o sujeito, formado historicamente, traz consigo certos tipos de saberes, os quais, de acordo com a configuração da época, produzem a verdade.

O terceiro eixo remete ao fato do reconhecimento de si próprio como possuidor de uma subjetividade. Um dos meios para que isso aconteça, segundo Foucault, é a discussão a respeito da sexualidade (FOUCAULT, 2013c). Desde muito tempo, o sexo desperta o interesse nas relações de poder, justamente porque representa um instrumento capaz de fazer um grande número de manobras e servindo de articulação às mais variadas estratégias governamentais.

3. FOUCAULT E AS IDENTIDADES CONTEMPORÂNEAS

Os estudos de Foucault acerca das tecnologias de poder e de constituição do sujeito conectam-se com as discussões sobre a subjetividade e a constituição das identidades. A identidade individual resulta das tecnologias de subjetividade que atuam nos diferentes espaços sociais, permeando o corpo que transita nas instituições como família, escola, medicina, polícia, sistema judiciário, etc. Tais efeitos de poder têm como finalidade produzir nos indivíduos uma adequação política de docilidade e um efeito econômico de utilidade, enquanto efeitos do próprio poder.

A identidade refere-se ao conjunto de características que se tornam comuns a um grupo de pessoas (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001). Tais características têm como função desenvolver em cada um dos indivíduos o sentimento de que pertence ao grupo.

Na perspectiva foucaultiana, as relações de poder que constroem as identidades são as ações de uns sobre os outros.

O que caracteriza, por outro lado, o **poder** que analisamos aqui, é que ele coloca em jogo relações entre indivíduos (ou entre grupos). Pois, não devemos nos enganar: se falamos do poder das leis, das instituições ou das ideologias, se falamos de estruturas ou de mecanismos de poder, é apenas na medida em que supomos que **alguns** exercem um poder sobre os outros (FOUCAULT, 2013c, p. 284. Grifos no original).

Uma relação de poder se articula sobre dois princípios básicos: "[...] que o outro (aquele sobre o qual ela se exerce) seja inteiramente reconhecido e mantido até o fim como o sujeito de ação; e que se abra, diante da relação de poder, todo um campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis" (FOUCAULT, 2013c, p. 287-288). Assim, o exercício do poder consiste em conduzir condutas e em ordenar a probabilidade, portanto, o poder está em grande escala ligado à ordem do governo (FOUCAULT, 2013c, p. 288).

Foucault entende que a missão de hoje não parece estar em descobrir uma identidade que revele quem somos, mas justamente, recusar o que somos. Haja vista que, com o advento da modernidade, se vivenciou um duplo constrangimento político, que é a simultânea individualização e totalização próprias às estruturas de governamentalização do poder moderno (FOUCAULT, 2013c, p. 283).

Em sua crítica ao papel das identidades nas relações de poder, Foucault, utiliza do conceito kantiano de *Aufklärung*. Segundo a definição dada por Kant (2008, p. 63), *Aufklärung* relaciona-se ao “estado de menoridade, no qual a humanidade está mantida” autoritariamente. Para ele, *Aufklärung* é uma espécie de saída, um processo que libera o homem desse estado de menoridade. Segundo Foucault (2015), por menoridade, Kant entende um certo estado de vontade que nos faz aceitar a autoridade de algum outro para nos conduzir, em domínios em que conviria fazer uso da razão. Mas Kant (2008, p. 64) também pressupõe que “é o próprio homem o responsável por seu estado de menoridade”. Então, só poderá se libertar desse domínio por uma mudança que ele próprio operar sobre si mesmo. A palavra de ordem que se trabalha em si e nos outros é: *Tenha coragem e audácia de saber* (KANT, 2008;). Ante as considerações kantianas, diz Foucault (2015, p. 6):

O que Kant descrevia como a *Aufklärung*, é o que eu tentei até agora descrever como a crítica, como essa atitude crítica que se vê aparecer como atitude específica no ocidente a partir, creio, do que foi historicamente o grande processo de governamentalização da sociedade.

Face a governamentalização, a atitude crítica pode ser considerada nesses termos:

E se a governamentalização é mesmo esse movimento pelo qual se tratasse na realidade mesma de uma prática social de sujeitar os indivíduos por mecanismos de poder que reclamam de uma verdade, pois bem, eu diria que a crítica é o movimento pelo qual o sujeito se dá o direito de interrogar a verdade sobre seus efeitos de poder e o poder sobre seus discursos de verdade; pois bem, a crítica será a arte da inservidão voluntária, aquela da indocilidade refletida. A crítica teria essencialmente por função o desassujeitamento no jogo do que se poderia chamar, em uma palavra, a política da verdade (FOUCAULT, 2015, p. 5).

Na reflexão sobre a identidade, é fundamental considerar a constituição do indivíduo moderno, o que se dá pela atuação da norma. Foucault (2011, p. 103), nessa trama, faz uma comparação com os modos de constituição de si no mundo antigo. Para isso ele estuda a ética do cuidado de si, entendendo que nesse conceito se abrem diante do indivíduo novas possibilidades de construção das subjetividades (FONSECA, 2011).

É exatamente o conteúdo ético da constituição do sujeito na Antiguidade que explica a escolha dessa forma de constituição para a confrontação com a forma de constituição do sujeito moderno, pelo fato de esta última se dar destituída de todo cuidado ético. Por ser a ética o elemento essencial na constituição do sujeito antigo, é essa forma de constituição a mais eficaz para ressaltar a marca essencial do sujeito constituído na atualidade: a ausência, no presente, do elemento que naquela forma de constituição o caracterizava: a ética (FONSECA, 2011, p.103).

Para entender a proposta de Foucault em recorrer à antiguidade, pode-se ainda introduzir algumas considerações daquilo que ele conceitua como moral e atitude ética.

Por moral, entende-se um conjunto de valores e regras de ações propostas aos indivíduos e aos grupos, por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as Igrejas, etc. (FOUCAULT, 2009, p. 33).

As regras e os valores podem ser formulados em uma doutrina coerente com um ensinamento bem explícito, ao qual denomina-se código moral. Mas, também podem ser transmitidas de uma maneira difusa, com elementos que se compensam, se corrigem, se anulam, permitindo assim uma atitude de compromisso ou de fuga (FOUCAULT, 2009, p. 33). Sobre esse aspecto, abre-se o pressuposto de moral, não somente como um conjunto de normas prescritivas:

[...] por moral entende-se igualmente o comportamento real dos indivíduos em relação às regras e valores que lhes são propostos: Designa-se, assim, a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta; pela qual eles obedecem mais ou menos a uma interdição ou a uma prescrição; pela qual eles respeitam ou negligenciam um conjunto de valores (FOUCAULT, 2009, p. 33-34).

Com efeito, uma coisa é uma regra de conduta, diferente disso é a maneira pela qual se pode assumir ou negligenciar tais códigos. Considere-se ainda de que maneira outro elemento ético pode constituir-se na forma pela qual é imprescindível conduzir-se, no sentido de uma maneira de construir a si mesmo como sujeito moral, agindo em referência aos elementos de um código (FOUCAULT, 2009).

A ação moral não se reduz à mera conformidade com um conjunto de regras, leis ou valores. É claro que toda ação moral faz referência a um código, contudo, ela implica também em certa relação consigo, uma constituição de si, enquanto sujeito moral. Nesse sentido, o indivíduo procura definir sua posição frente ao preceito que respeita, estabelecendo para si certo jeito de ser, possibilitando, assim, a própria realização moral. Para tanto, age sobre si mesmo, procurando conhecer-se, controlar-se, aperfeiçoar-se e enfim, transformar-se (FOUCAULT, 2009).

Ademais, a ideia de ética apresentada por Foucault, pressupõe a divisão entre os códigos morais e uma ética da existência, esta compreendida como modo de subjetivação. Com essa divisão, fica notória a diferença entre a regra de conduta, a conduta que segue essa regra e a maneira como o sujeito se constitui moralmente ao conduzir-se pela regra. Foucault associa o conjunto de ações e relações para consigo mesmo que formam a subjetivação à prática do cuidado de si nas sociedades antigas (PIONER, 2015).

A prática do cuidado de si está fundada sobre três aspectos. O primeiro diz respeito a uma atitude geral, "um certo modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro. *A epiméleia heautou* (cuidado de si) é uma atitude - para consigo, para com os outros, para com o mundo" (FOUCAULT, 2006a, p. 15. Grifos no original).

Em segundo lugar, *o cuidado de si* é um modo de conceder atenção, de olhar. Isso implica na conversão do olhar, deve-se passar da exterioridade dos outros, do mundo, para dedicar-se a si mesmo. Portanto, *o cuidado de si* exige atenção ao que se pensa e ao que ocorre nos pensamentos (FOUCAULT, 2006a).

Em terceiro lugar, esta noção,

[...] designa sempre algumas ações, ações que são exercidas de si para consigo, ações pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos. Daí, uma série de práticas que são, na sua maioria, exercícios, cujo destino (na história da cultura, da filosofia, da moral, da espiritualidade ocidentais) será bem longo. São, por exemplo, as técnicas de meditação; as de memorização do passado; as de exame de consciência; as de verificação das representações na medida em que elas se apresentam ao espírito (FOUCAULT, 2006a, p. 14-15).

Há que se considerar as possíveis distâncias entre o cuidado de si, do sujeito grego, para o que é o indivíduo moderno, constituído pela norma. Normalizado, o indivíduo moderno desenvolve uma ética, mediado pela disciplina e pela norma. Pela disciplina constitui-se um sujeito obediente e produtivo; pela norma, o sujeito biopolítico da modernidade. Trata-se do sujeito de uma identidade que entende como própria, mas que é consequência do poder normalizador em suas práticas de objetivação e de subjetivação (FONSECA, 2011). Mas, haveria em Foucault uma aposta de reversão, na qual o indivíduo possa construir uma ética de constituição de si, diferente daquela que o expropria enquanto um objeto de conhecimento e um sujeito normalizado? Esse sujeito, uma identidade constituída por relações de poder, e tecnologias como a disciplina e as práticas da biopolítica, em um tipo de ética padronizada pelas instituições, poderia se pensar em nova elaboração de si? Questões que buscaremos respostas em outro trabalho, pois extrapolam a abrangência deste artigo.

Compreendendo genealogicamente a constituição do sujeito moderno, discute-se, a seguir, as técnicas de construção de identidade no pentecostalismo da Assembleia de Deus. A educação não deve negligenciar que o emergir do fenômeno religioso é um dos fatos sociais de relevante interesse das ciências humanas. Curiosamente, “dentro do anúncio da morte da religião e da secularização em avanço, brota o rebento robusto e cheio de vida das mais diferentes expressões religiosas [...]” (LIBÂNIO, 2002, p. 11).

4. A IDENTIDADE NA ASSEMBLEIA DE DEUS

O Movimento Pentecostal está incluído na revivescência de espiritualidade (LIBÂNIO, 2002), sendo, por isso, de grande relevância o estudo desse grupo religioso, pois o discurso oferecido por ele parece responder a uma sensível demanda da população, desguarnecida por uma educação centrada estritamente no caráter científico e racional da vida humana, fazendo muitas pessoas irem à sua busca (ORO, 2013, p. 85).

A origem do Movimento Pentecostal é atribuída ao *avivamento da Rua Azusa*, em Los Angeles (EUA), numa Igreja *holiness* negra, em 1906. Este avivamento foi liderado por William Joseph Seymour. Da Rua Azusa, o pentecostalismo espalhou-se com rapidez por todo o mundo, tornando-se uma das maiores forças do cristianismo (SYNAN, 2011, p. 16-17).

No Brasil, o pentecostalismo chegou no ano de 1910, tendo como uma de suas primeiras Igrejas a Assembleia de Deus (AD), que hoje reúne cerca de doze milhões de

adeptos, representando o grupo pentecostal com maior expressividade no Brasil. Além do anticatolicismo, as ADs reforçam o dom de línguas, crença de que, em breve, ocorrerá a volta de Jesus, bem como um radical sectarismo e asceticismo de rejeição ao mundo exterior (MARIANO, 1999, p. 28-32).

Diferente da maioria das outras Igrejas pentecostais, nas quais todos os templos espalhados pelo país fazem parte de uma rede denominacional interligada a uma única direção nacional, as ADs estão pulverizadas em uma série de Ministérios com administrações independentes e convenções², entidades jurídicas que arregimentam pastores e obreiros.

Levando esses aspectos em consideração, por rigor acadêmico, escolheu-se analisar a construção da identidade do crente assembleiano ligado às Igrejas nas quais os pastores fazem parte da CGADB.³ Dentro dessa convenção, algumas características são comuns, de forma que se pode falar de uma globalidade da convenção nas formas de reger as Igrejas. Não obstante, para que o estudo seja específico, damos ênfase ao modo de governo das Igrejas que pertencem à subconvenção CIADESCP.⁴

Na análise das respostas aos questionários e das entrevistas, com a estratégia de análise de conteúdo do discurso sobre a formação identitária dos adeptos do pentecostalismo assembleiano, chegou-se a três categorias que podem ser analisadas a partir do referencial foucaultiano: 1ª o messianismo; 2ª a obediência; 3ª a sexualidade e o pecado. A seguir, uma análise de cada uma delas, utilizando para isso as falas registradas no questionário aplicado a 27 fiéis.

Cada fala transcrita é seguida pelas iniciais da pessoa que respondeu ao questionário, bem como do lugar de origem da pessoa, haja vista que os questionários foram aplicados aos presentes no 33º Encontro Internacional dos Gideões Missionários da Última Hora, que aconteceu em Comburui, Santa Catarina, no mês de abril de 2015, reunindo pessoas de diferentes estados do Brasil. Quando for dado de entrevista, se informa a expressão Pastor, seguido da localidade.

² Convenção é um órgão na qual são filiados os pastores, elas não são convenções de Igrejas, mas de pastores. Ministério é agrupamento de Igrejas (pode também ser nacional, estadual ou municipal) ligadas a uma determinada Igreja-sede. Convenções não compostas por Ministérios. (ALENCAR, 2014, p. 291-292).

³ CGADB: Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, [...] fundada em 1930 e registrada em 1946, é uma entidade civil de natureza religiosa, com fins não econômicos, tendo por sigla CGADB, com duração por tempo indeterminado. Disponível em: <https://www.cgadb.org.br/index.php/diretoria/estatuto>. Acesso em: 15 set. 2015.

⁴ CIADESCP: Convenção das Igrejas Assembleias de Deus no estado de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná. O presidente é o pastor João Ceno Ohlweiler, líder da AD em Criciúma - SC. Disponível em: <https://www.cgadb.org.br/index.php/convencoes/sul-3/parana-pr-3/ciadescp-23>. Acesso em: 15 set. 2015.

4.1 Messianismo

A primeira categoria, o messianismo, retrata uma visão de mundo própria do grupo que segue a instituição. As respostas obtidas com a pesquisa de campo sinalizam que a realidade é entendida a partir da pessoa de Jesus. O encontro com Ele parece exigir uma mudança radical de vida, dividindo em valores mundanos e celestiais toda a realidade, devendo agir sempre em conformidade com a salvação que Cristo oferece, conforme se vê na resposta ao questionário.

Aqueles que não têm Jesus estão no sofrimento e, por isso, vemos em nossa sociedade tantas pessoas optando pelo suicídio. É no momento em que se conhece Jesus que podemos experimentar uma transformação em nossa vida. Diz a palavra: é necessário nascer de novo! Deixar o homem velho e nos tornarmos uma nova criatura (R. M. São Paulo SP).

Para os fiéis, os pastores são os exemplos a serem seguidos, os encarregados de testemunhar a verdade:

Nosso primeiro olhar deve estar voltado para Jesus; os pastores são as pessoas em que, depois de Jesus, nos espelhamos. Eles têm a grande missão de conduzir o rebanho (R. M. São Paulo SP).

A retórica messiânica da AD, de um discurso de provação constante, constitui parte do exercício do poder. Os pastores assembleianos definem-se por colocar-se

Na posição universal daquele que fala para a humanidade, o locutor apela solenemente para o futuro que, nos diz ele, será certamente melhor. Os tons de profecia e de prazer prometidos aí se misturam claramente. Acima de tudo, dizer a verdade e prometer o prazer é uma posição sedutora. [...] como porta voz da consciência, se situa neste lugar privilegiado. Ele está fora do poder e no interior da verdade. Seus sermões, afirmações de opressão e promessas de uma nova ordem, são agradáveis de serem pronunciados e fáceis de escutar (DREYFUS; RABINOW, 2013, p 172).

O discurso, em toda descontínua história da subjetividade, é o instrumento que torna possível a apreensão e a constituição dos sujeitos, por vozes que são exteriores a eles. A objetivação dos sujeitos, quer seja no que diz respeito ao cuidado de si (o sujeito que se objetiva como sujeito de uma identidade), quer seja no que concerne às determinações de outro (o sujeito que é interdito, segregado, etc.), aparece como resultado de uma subjetividade fabricada pela exterioridade, o que implica inscrições dos sujeitos nos discursos. Tais discursos, assim como a subjetividade que eles promovem, não são fixos, mas estão sempre em produção e transformação, marcados pela descontinuidade (FERNANDES, 2011).

Na produção da subjetividade, o discurso tem como intuito possibilitar ao sujeito assumir um lugar na ordem social vigente, ter seus posicionamentos: “efeito de partido, o pertencimento a um grupo, a uma escola, [...] tudo nos remete às condições de formação do sujeito [...] pensadas, porém, em termos sociais, em termos de organização” (FOUCAULT, 2006^a, p. 40). Isso se verifica nos dizeres dos entrevistados que reforçam seu pertencimento às Assembleias de Deus.

Quando estamos na Igreja, conseguimos perceber a direção certa para seguir (T.N.F. Rio Negrinho, SC).

E essa direção é transmitida nas pregações, através dos pastores.

O pastor é o auxílio para a vivência em Deus (R. S. Porto Velho, RO).

Esses efeitos discursivos, de pertencimento à instituição, se fazem testemunhando, não só nas palavras, mas na conduta.

Ter o caráter cristão, ser Assembleia de Deus é ser obediente à Palavra. Pois, a Igreja é essa porta para o aprendizado de ser um filho de Deus. A base do cristão está em respeitar as leis de Deus, acreditar em Jesus e obedecer sua palavra (N.J.D. Praia Grande, SC).

Pode-se assinalar que o relacionamento do crente assembleiano com o mundo parece ser construído por seus princípios religiosos. Suas falas são perpassadas por inúmeras afirmações que expõem que o papel da Igreja e do pastor, que é de guiar as consciências para a salvação (FERNANDES, 2011). Na fala dos pastores, identifica-se que esse posicionamento é infundido no fiel pelas práticas discursivas.

A Igreja dá todo um direcionamento para os fiéis através das pregações. Nos cultos pela palavra se ensina biblicamente, se dá todas as orientações e alertas para encontrar o caminho da felicidade, da salvação, que está em Cristo (Pastor. Nova Veneza, SC. Dados de entrevista).

De acordo com Foucault, a relação do sujeito com a verdade a ele transmitida, vai delineando sua visão de mundo e seu comportamento no mesmo. Trata-se das relações do sujeito com tudo que o cerca (FOUCAULT, 2006a).

Enfim, Foucault mostra o quanto o discurso tem poder de transformação das pessoas, pela relação com uma verdade, uma identidade que o constitui enquanto indivíduo. A manifestação máxima do discurso como produção da subjetividade “é para que ele [o discurso] possa vir a integrar-se ao indivíduo e comandar sua ação, fazer parte, de certo modo, de seus músculos e de seus nervos” (FOUCAULT, 2006a, p. 394).

O discurso assembleiano incute uma visão messiânica na vida dos fiéis. Assim, o messianismo não é a causa deles estarem na Igreja, mas o efeito de subjetividade que resulta da frequência à Igreja, do conjunto de práticas desenvolvidas pela instituição.

4.2 Obediência: Disciplina

A segunda categoria de análise é a obediência a Deus. Concretamente falando, isso se traduz em obediência e sujeição à Igreja, aos pastores, seus preceitos e dogmas, como forma de encontrar o caminho verdadeiro e a felicidade plena.

Quando Deus criou o ser humano, o fez bom, mas este pecou e a marca da concupiscência foi cravada nele. Por isso, a nossa carne deseja as promiscuidades. Se alimentarmos a carne, estaremos sujeitos ao fracasso. Mas, se alimentarmos o espírito, podemos nos aproximar de Deus. Na obediência a Deus, alimentamos o espírito (M.N.S. Blumenau, SC).

Para conseguir viver a obediência a Deus, tão necessária como afirmaram os fiéis, as ADs criaram uma doutrina prática dos usos e costumes que ajudam o fiel no caminho de observância da lei de Deus. A atual lista de usos e costumes aprovada em 1999 pela CGADB consiste em seis itens proibitivos:

- 1-Ter os homens cabelos crescidos (1 Cor 11.14), bem como fazer cortes extravagantes;
- 2-As mulheres usarem roupas que são peculiares aos homens e vestimentas indecentes e indecorosas, ou sem modéstias (1Tm 2.9, 10);
- 3-Uso exagerado de pintura e maquiagem - unhas, tatuagens e cabelos- (Lv 19.28; 2Rs 9.30);
- 4-Uso de cabelos curtos em detrimento da recomendação bíblica (1 Cor 11.6, 15);
- 5-Mau uso dos meios de comunicação: televisão, Internet, rádio, telefone (1 Cor 6.12; Fp 4.8); e
- 6-Uso de bebidas alcoólicas e embriagantes (Pv 20.1; 26.31; 1 Cor 6.10; Ef. 5.18); (COROBIM, 2008, p. 15).

Na perspectiva genealógica estas proibições para boa conduta dos fiéis seguem as táticas desenvolvidas pelo poder disciplinar. A disciplina utiliza do corpo como objeto e alvo do poder. O corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil, com o objetivo da multiplicação das forças (FOUCAULT, 2004). A doutrina dos usos e costumes se desenvolve a partir de uma relação de cuidado e preservação do corpo. Por isso, as Igrejas da AD dão ênfase a aspectos corporais, buscando um comportamento modesto, humilde e dissociado da vaidade, conforme consta nas formulações dos usos e costumes.

O poder disciplinar, além de se apropriar do corpo, tem como principal função adestrá-lo. Nessas técnicas, ele é constitutivo dos indivíduos. Trata-se de um poder que

não interdita ou *castra* os indivíduos para acabar com suas forças. Ao contrário, a disciplina faz o processo inverso, o de adestrar e ligar um indivíduo a todos os outros, para multiplicar e utilizar essas forças dentro de um contexto mais amplo. Em vez de encaixar todos em uma uniformidade, uma massa humana, prefere que tudo o que lhe está submetido seja separado, analisado, diferenciado, levando seus processos de decomposição até às singularidades necessárias e suficientes (FOUCAULT, 2004).

Assim também ocorre nas Assembleias de Deus. Adestra-se as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais, pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentadas, combinatórias. Este processo ocorre no modo de organização da Igreja, que se decompõe em inúmeras comunidades, onde as funções são divididas em ministérios particulares, setores, grupos (ALENCAR, 2012), a fim de que todos possam se sentir parte integrante, e também contribuintes da denominação. Por exemplo, o culto não é feito apenas pelo pastor, mas tem uma divisão interna que partilha as funções, tornando a celebração bastante participativa (ALENCAR, 2012).

A construção do poder disciplinar, na divisão espacial, no controle do tempo, na arte combinatória para majorar as forças, se deve ao uso de alguns instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação, num procedimento que lhe é específico, o exame. Quanto ao olhar hierárquico pode-se dizer que nas ADs o pastor é o primeiro responsável de velar para que todos sigam corretamente os caminhos do Senhor. Nessa missão, ele conta com a ajuda dos diáconos e obreiros. Caso algo não esteja de acordo com a *vontade divina*, deve-se alertar a comunidade (Pastor. Entrevista. São Paulo, SP).

Para estar ciente dos problemas do povo, o pastor precisa de um olhar atento a cada indivíduo da comunidade, saber o que se passa com cada um, pois como diz M.

O maior papel de um pastor é o amor que o mesmo deve demonstrar em forma de ação por seus liderados (Pastor. Guabiruba, SC).

O pastor, ao mesmo tempo em que vigia os fiéis, repreende e pune quando necessário. Mas, ele também, por ser um espelho, é vigiado pelos fiéis que acompanham os seus passos, e estão atentos quanto à idoneidade de seu guia. Portanto, existe uma vigilância, nada fica escondido, para que todos estejam preparados para o dia que o Senhor vier a julgar.

A sanção normalizadora está muito clara nos estatutos da CGADB, no que tange à sua doutrina dos usos e costumes. Os fiéis que não cumprem os preceitos locais são

penalizados e podem, em alguns casos, ser desligados da Igreja. A sanção normalizadora compõe a *disciplina* para os fiéis assembleianos.

Ser disciplinado ou *estar disciplinado*, ao contrário do que a frase indica, significa ter cometido algum pecado e, por isso, ser *cortado do rol de membros*, impedido de participar das atividades da Igreja e *ficar no banco* - pode-se participar do culto, mas não tem a oportunidade de pregar ou cantar (ALENCAR, 2012, p. 164. Grifos no original).

O castigo disciplinar tem o intuito de diminuir os desvios. Por isso, ele deve ser essencialmente corretivo. As punições privilegiadas são as da ordem do *exercício-aprendizado*, intensificado, multiplicado, muitas vezes repetido (FOUCAULT, 2004). Tal método possibilita uma identidade clara para os adeptos da instituição.

Por fim, pode-se falar do exame, que pressupõe um mecanismo que une uma formação de saber ao exercício do poder.

O exame de consciência é um exercício de memória, memória não apenas em relação ao que se passou durante o dia, mas em relação às regras que devemos sempre ter no espírito. Por outro lado, este exame de consciência é uma espécie de prova na medida em que, graças à reativação das regras e à recordação do que fizemos [avaliando a inadequação] entre as regras que acabamos de lembrar e as ações que cometemos, podemos medir em que ponto estamos (FOUCAULT, 2006a, p. 186-187).

Para os assembleianos, esse processo de autoconsciência dos pecados, acontece na medida em que o fiel se dedica à oração pessoal e ao estudo da Bíblia, pois, "o único recurso que pode levar ao perdão é o Espírito Santo" (ARAÚJO, 2007, p. 133). É o próprio Espírito de Deus que vem até a pessoa e a convence da verdade e revela em profundidade quem ela é. Diferente das outras Igrejas tradicionais, no pentecostalismo, mesmo dentro do caráter de exame de si mesmo, se enfatiza fortemente o papel de Deus para revelar a verdade de quem somos (ARAÚJO, 2007, p. 289).

4.3 Sexualidade e Pecado

A categoria de sexualidade e pecado trata de uma realidade humana motivadora de inúmeros discursos, entre eles o assembleiano. Antes mesmo de os filhos nascerem, os pais já são alertados que a educação das crianças tem que ser muito cuidadosa na questão sexual, para que o filho não caia num caminho de promiscuidade. São variadas as atividades desenvolvidas com crianças, jovens e adultos, no intuito de defender a constituição familiar composta por pai, mãe e filhos.

A Igreja afirma vorazmente a defesa do sexo somente enquanto heterossexual, monogâmico e dentro do matrimônio. Fora disso, em quaisquer outras situações, o sexo

é ocasião de pecado, principalmente quando se refere às relações homossexuais, que para a Igreja é uma *abominação terrível*. Uma sexualidade perversa é a manifestação do Diabo, mas sempre existe uma solução para esses comportamentos promíscuos, “porque Jesus pode libertar de todos os males e pecados” (Pastor. Nova Veneza, SC. Dados de entrevista).

Qual seria, então, a posição prática do pastor frente aos homossexuais:

Quanto aos homossexuais, nós falamos do amor de Jesus a eles. As portas das nossas Igrejas estão abertas, desde que eles respeitem nosso espaço consagrado, que eles respeitem as normas de nossa Igreja e não tenham atos homossexuais ali, como ficar se abraçando para chamar atenção. Se eles desrespeitarem, são convidados a se retirar do templo. Deixamos eles assistirem o culto, pois, afinal o Espírito Santo convence do pecado (você sabe que isso é um pecado). Não existe um remédio e diagnóstico científico para curar, mas nós cremos que onde não conseguimos entrar, Jesus pode entrar, Jesus pode transformar. Temos muitos testemunhos, inclusive de pastores nossos que foram libertados do homossexualismo e hoje têm filhos, exercem grandes ministérios. Jesus pode converter, libertar todas as pessoas. Conheceris a verdade e a verdade vos libertará (Pastor. Nova Veneza, SC. Dados de entrevista).

O livro de teologia sistemática pentecostal da CPAD esclarece a vivência da sexualidade quanto aos gêneros:

Essa distinção entre o homem e a mulher é de fundamental importância. Daí ter sido mencionada no texto que narra a criação do ser humano. E também a base para a reprovação de Deus ao homossexualismo, pois, se Ele quisesse que o homem ou a mulher mantivessem relações homossexuais, teria, decerto, feito — de modo simultâneo — um casal de homens e outro de mulheres. Desde o princípio, Deus os fez *macho e fêmea* (Gn1, 27b). Afinal, a ordem para crescer e multiplicar-se sobre a Terra jamais poderia ter sido dada a dois seres de igual sexo! (GILBERTO, 2008, p. 259-280).

A fala da pastoral assembleiana de que sexo é pecado, mostra o discurso da sexualidade enquanto dispositivo identitário. Não é um papel repressivo, pois cria e sustenta um *ethos* próprio para o grupo. Os discursos feitos dessa temática são numerosos e incontornáveis para os fiéis. Enquanto se afirma o pecado na conduta sexual, mantém as instituições igreja, família, moral nos estreitos limites da norma e do governo das condutas. Enquanto se propõe a libertação e a cura dos males, se amarra os fiéis das ADs a práticas de governo das condutas.

5. CONSIDERAÇÕES

Pela análise genealógica dos dados pode-se considerar que a identidade do crente assembleiano é construída por um jogo de discursos eloquentes e por tecnologias disciplinares, o que objetiva o sujeito enquanto ser moral e religioso, constituindo-o como

indivíduo, membro da comunidade, amarrado a uma consciência religiosa de preceitos morais agradáveis a Deus. Trata-se de sexualidade normalizadora, que através do caráter de pecado consegue manter os indivíduos dentro dos parâmetros que sustentam as ADs.

Enfim, espera-se com essa reflexão, contribuir com as discussões que se desenvolvem sobre a religiosidade no Brasil. Por outro lado, tais estudos e debates estão presentes no cenário da educação, nesse momento de nossa história. Tanto nas salas de aula o tema da diversidade religiosa e o conflito entre diferentes tradições é frequente, com toda carga de preconceitos e hostilidades daí decorrentes, quanto nos espaços do Poder Legislativo, com a força que vem sendo mostrada pelas chamadas Bancadas Evangélicas. É importante frisar que a análise de Foucault possibilita mostrar aos homens que eles podem ser muito mais livres do que imaginam, sobre o que eles têm por verdadeiro, por evidente, no que tange à maneira própria de viver e as normas que devem ser obedecidas. Tanto nos enfrentamentos no Congresso Nacional e nas Câmaras Legislativas, quanto no cotidiano das escolas, uma leitura crítica sobre a constituição das identidades e a manipulação que ocorre nesses cenários é relevante para aprendermos a conviver com menos ódio e violência.

A atitude crítica perante a própria identidade pode demonstrar quanto os discursos que se assumem como verdadeiros, em um momento particular da história, respondem a tecnologias de instituições que precisam da sujeição de muitos para se manter. Portanto, tais discursos podem ser enfrentados, criticados ou até transformados. A convivência precisa desses diálogos.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, G. F. de. **Assembleias Brasileiras de Deus: Teorização, História e Tipologia_ 1911-2011**. 2012. 285 p. Dissertação [Doutorado em ciências da Religião], Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, São Paulo, 2012.

ALENCAR, G. F. de. Pastores assembleianos na Universidade: A Polissemia assembleiana da Terceira Geração Pastoral. **REFLEXUS**. São Paulo: PUC, Ano VIII, n. 12, p. 289-324, jul./dez. 2014.

ARAÚJO, I. L. **Foucault e a crítica do sujeito**. 2.ed. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

ARAÚJO, I. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

COROBIM, A. L. **Uma análise dos usos e costumes adotados pela Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – CGADB**. 2008. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso [Bacharelado] – Faculdade de teologia, Faculdade Teológica Batista de São Paulo, São Paulo, 2008.

DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault**: Uma trajetória filosófica: Para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2. ed. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2013c.

FERNANDES, C. A. Discurso e produção de subjetividade em Michel Foucault. **LEDIF**-Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos. Uberlândia: UFU, ano 2, artigo n. 1, 2011.

FONSECA, M. A. da. **Michel Foucault e a constituição dos sujeitos**. 3. ed. São Paulo: EDUC, 2011.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1997.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: Nascimento da Prisão. 29. ed. Tradução de Raquel Ramallete. Vozes, 2004.

FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do sujeito**. Tradução de Márcio Alvez da Fonseca; Salma Tannus Muchail. Organização de Frédéric Gros; François Ewald; Alessandro Fontana. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

FOUCAULT, M. **Estratégia, poder-saber**. Coleção Ditos e escritos. Organização de Manoel Barros da Motta. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2006b.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2**: O uso dos prazeres. Tradução de Maria Theresa da Costa Albuquerque; José Augusto Guilhaon Albuquerque. 13. ed. São Paulo: GRAAL, 2009.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 27. ed. Tradução de Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2013b.

FOUCAULT, M. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault**: Uma trajetória filosófica. 2. ed. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2013c.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1**: A vontade de Saber. Tradução de Maria Theresa da Costa Albuquerque e J. A. Guilhaon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, M. Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung. **Bulletin de la Société française de philosophie**. Vol. 82, n. 2, p. 35-63, avr./juin. 1990, [Conferência proferida em 27 mai. 1978]. Tradução de Gabriela Lafeté Borges; Wanderson Flor do Nascimento.

GILBERTO, A. *et al.* **Teologia Sistemática Pentecostal**. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 259-260.

HOLANDA FERREIRA, A. B. de. **Novo dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de Filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

KANT, I. “Resposta à pergunta: O que é ‘Esclarecimento’ (*Aufklärung*)”. In: KANT, I **Textos Seletos**. Introdução de Emmanuel Carneiro Leão. 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

KRAEMER, C. **Ética e Liberdade em Michel Foucault – uma leitura de Kant**. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2011.

LIBÂNIO, J. B. **A religião no início do milênio**. São Paulo: Loyola, 2002.

MACHADO, R. **Por uma Genealogia do Poder**. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 27. ed. Tradução de Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2013b.

MARIANO, R. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.

ORO, I. P. **O fenômeno religioso: Como entender**. São Paulo: Paulinas, 2013.

PIONER, K. Z. **ENCONTRO DE JOVENS PESQUISADORES: I mostra acadêmica de inovação e tecnologia**, XIX, 07-11 nov. 2011, Caxias do Sul. “A ética do cuidado de si em Michel Foucault”. Caxias do Sul: UCS, 2011. Disponível em: http://www.ucs.br/site/midia/arquivos/Kamila_Zaleski_Pioner._Unisinos.pdf. Acesso em: 21 jun. 2015.

SOUZA, R. J. de. **Carisma e instituição: Relações de poder na Renovação Carismática Católica do Brasil**. 10. ed. São Paulo: Santuário, 2010.

SYNAN, V. **O século do Espírito Santo: 100 anos do avivamento pentecostal e carismático**. Tradução: Judson Canto. São Paulo: Vida, 2011.